

Economistas do IIE descartam colapso no Brasil

Economia - Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO

Tasso Marcelo/AE - 15/9/2000

01 JUL 2002

Para o pai do 'Consenso de Washington', taxa de juros pode cair mais com um Lula racional

PAULO SOTERO

Correspondente

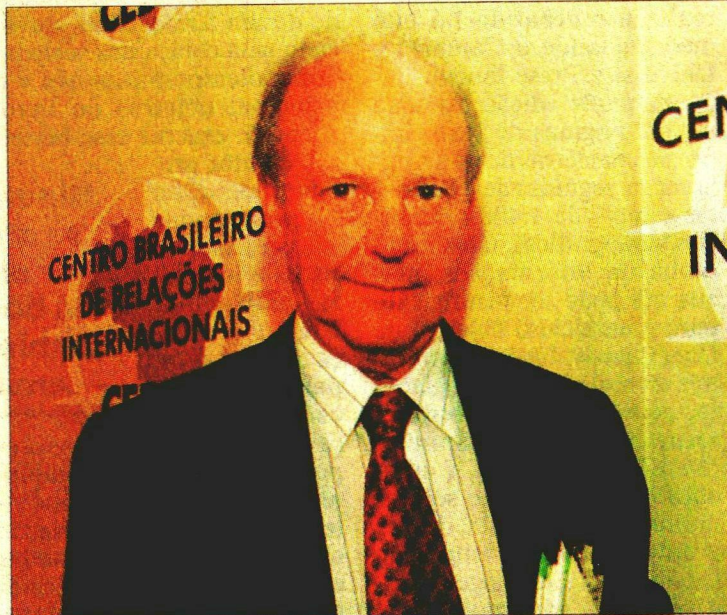
WASHINGTON – As chances de o Brasil não conseguir honrar os compromissos de sua dívida externa são pequenas e as previsões em contrário, que alimentam a atual crise de confiança dos investidores, refletem a falta de conhecimento de quem as faz sobre a realidade do País e de suas finanças. Mais: se o candidato do PT ao Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva, vencer defendendo políticas econômicas responsáveis, convencer os investidores de que as implementará e, de fato, o fizer, a taxa de juros no Brasil cairá mais do que cairia com qualquer outro presidente, porque um dos fatores que tem contribuído para manter os juros altos no Brasil é o temor entre os investidores da vitória de um governo esquerdista irresponsável que repudie a dívida.

Essas opiniões dissidentes do atual catastrofismo pertencem a dois dos mais conceituados especialistas em finanças internacionais em Washing-

ton: o inglês John Williamson, do Instituto de Economia Internacional (IIE, da sigla em inglês), e o americano William Cline, do Centro de Desenvolvimento Global, que funciona no IIE. Eles conhecem bem o Brasil (Williamson é casado com brasileira), ensinaram em universidades brasileiras e divergem da previsão agourenta de Morris Goldstein, vizinho de sala de ambos no IIE, que estimou recentemente em 70% as chances de o Brasil ser forçado a reestruturar sua dívida até o fim de 2003.

Cline apresenta três argumentos contra a tese de Goldstein. Ele afirma que seu colega do IIE se equivocou porque usa indicadores irrelevantes, como a relação entre a dívida externa bruta e as exportações de bens e

serviços, para montar seu cenário pessimista. “Não é verdade que os indicadores da dívida externa aumentaram fortemente e requerem um default”, disse Cline. “Se você subtrair as reservas do total da dívida externa, o que é correto fazer porque as reservas são ativos do País, e tomar a relação entre a dívida líquida e as exportações como parâmetro, verificará que no fim de 2001 ela era de 280%”, e não de 400%, como quer Goldstein, que faz o cálculo com a dívida externa bruta. “Isso sig-



Com base numa plataforma econômica racional e (se Lula) optar por seguir o exemplo de Tony Blair, em vez de seguir o exemplo de Hugo Chávez, os mercados respirarão aliviados

John Williamson, economista do IIE

nifica que o Brasil está hoje numa posição externa melhor do que estava na crise de 1998/1999, quando a relação entre a dívida líquida e exportações era de 320%, e bem melhor do que em 1987, o ano da moratória, quando ela atingiu 390%.”

O segundo argumento de Cline é sobre a dívida interna do setor público. “Se você partir de premissas razoáveis, como uma taxa de juros reais de

10%, crescimento de 3,5% no ano que vem e um câmbio de R\$ 2,50 por dólar, a relação dívida/PIB retrocederá para 51%, dos atuais 55%”, disse o economista. “E se a taxa de câmbio retornar à média das últimas duas décadas, essa relação ficará ainda mais favorável, caindo para 47%.”

Cline disse, ainda, que não se faz sentido usar a Argentina como referência ao se analisar a turbulência que o Brasil

enfrenta, como fazem alguns operadores do mercado. “Há uma crise de confiança no curto prazo por causa da grande vantagem de Lula nas pesquisas e os investidores temem que ele não tenha o mesmo nível de compromisso do atual governo com políticas macroeconômicas sólidas e o Brasil vá pelo caminho da Argentina”, afirmou o economista. “Há um certo risco de essa profecia auto-realizar-se”, acrescentou. Mas, segundo Cline, a comparação não se justifica, por duas razões: em contraste com a Argentina, a maior parte da dívida pública brasileira é financiada dentro do Brasil. “Se os investidores estrangeiros se mantiverem longe dos papéis brasileiros por algum tempo, isso não significa

que o País não será capaz de honrar os pagamentos”, disse Cline. Mas a diferença central, para ele, não está na economia, mas na política. “Eu não creio que a Argentina teria entrado em colapso econômico se não tivesse passado por uma sucessão de traumas políticos”, disse ele.

“O país tinha um presidente constitucional (Fernando De la Rúa) que foi tirado do poder por manifestações de rua”, lembrou Cline. “Se você acha que isso vai acontecer no Brasil, então Goldstein está

certo, mas eu não acho.”

John Williamson discorda de Goldstein em dois pontos. Ele reconhece que, mantida a atual taxa de juro por muito tempo, será muito difícil para o governo manter os pagamentos da dívida, embora não tenha dúvida sobre a capacidade do governo de fazê-lo até as eleições. Mas Williamson concorda com Cline quanto à possibilidade de o País estabilizar a relação dívida/PIB com juros reais de 10%.

Seu principal argumento provavelmente surpreenderá o próprio PT. Williamson, que em 1989 codificou as políticas do chamado Consenso de Washington, afirmou que se Lula ganhar a eleição “com base numa plataforma econômica racional e optar por seguir o

exemplo de Tony Blair, em vez de seguir o exemplo de Hugo Chávez, os mercados respirarão aliviados e a taxa de juro cairá ainda mais do que normalmente cairia no caso de uma vitória do candidato do PSDB, José Serra”. Por quê? “Porque desaparecerá a ameaça de que nas próximas eleições um esquerdista vencerá e repudiará a dívida, que é algo que ajuda a manter os juros altos”, disse Williamson. “A começar por Goldstein, parece que não há muita gente pensando nisso.”

RISCO DE CALOTE DA OPOSIÇÃO SUMIRIA